



Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Clássicos
Brasil

Pessoa de Lira, David
O BILINGUISMO GRECO-ROMANO NA TRADUÇÃO LATINA D : ENFOQUES
SOCIOLINGÜÍSTICOS NA ANÁLISE DO ASCLEPIUS LATINUS
Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 31, núm. 1, 2018, pp. 113-136
Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770917006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O BILINGUISTO GRECO-ROMANO NA TRADUÇÃO LATINA DO ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ: ENFOQUES SOCIOLINGÜÍSTICOS NA ANÁLISE DO *ASCLEPIUS LATINUS*

David Pessoa de Lira*

* Professor Adjunto
de Língua e
Literatura Latina,
Universidade Federal
de Pernambuco.
lyrides@hotmail.com

Recebido em: 15/01/2018

Aprovado em: 02/03/2018



RESUMO: O presente artigo trata de um objeto da área de Língua e Literatura Latinas. Sendo assim, objetiva-se apontar os helenismos que permanecem na tradução latina do *Asclepius*, levando em consideração os fragmentos herméticos gregos do Λόγος Τέλειος que se preservaram. Especificamente, analisam-se os aspectos do bilinguismo na tradução latina: a interferência, a comutação de código, a comutação de alfabeto e os empréstimos no *Asclepius Latinus*. Em particular, este artigo demonstra que as adaptações da tradução do grego para o latim não são apenas resultados de adição ou subtração de palavras e sentenças. A incidência de palavras gregas como uma espécie de *code-switching*, seguidas de explicações, exemplificações, reiteraões, reformulações e marcas de paráfrase, demonstra justamente que as adaptações (adições) não só ocorrem com palavras e sentenças, mas também com fragmentos de texto.

PALAVRAS-CHAVE: Λόγος Τέλειος; *Asclepius Latinus*; Sociolinguística; Bilinguismo; Literatura Clássica; Literatura Hermética.

THE GRAECO-ROMAN BILINGUALISM IN THE
LATIN TRANSLATION OF THE ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ:
SOCIOLINGUISTIC APPROACHES IN THE
ANALYSIS OF THE *ASCLEPIUS LATINUS*

ABSTRACT: This article deals with an object of the area of the Latin Language and Literature. As such, it aims to appoint the Hellenisms that remain in the Latin translation of the *Asclepius*, taking into account the Greek hermetic fragments of Λόγος Τέλειος which were preserved. Specifically, the aspects of the bilingualism are analysed in the Latin translation: interference, code-switching, alphabet-switching and the



loan-words in the *Asclepius Latinus*. In particular, this article demonstrates that the adaptations of the translation of the Greek for the Latin are not only results of addition or subtraction of words and sentences. The incidence of Greek words like a sort of a code-switching, followed of explanations, exemplifications, reiterations, reformulations and marks of paraphrase, demonstrates just that the adaptations (additions) not only take place with words and sentences, but also with text fragments.

KEYWORDS: Λόγος Τέλειος; *Asclepius Latinus*; Sociolinguistics; Bilingualism; Classic Literature; Hermetic Literature.

INTRODUÇÃO

O bilinguismo no mundo romano tem sido estudado por vários pesquisadores, como Bruno Rochette, Otta Wenskus e James Noel Adams. Tanto Rochette como Wenskus se dedicam a estudar o contato entre o grego e o latim. O enfoque de Rochette é histórico enquanto o de Wenskus é literário. A aproximação de análise de Adams é sociolinguística, com ênfase em papiros e inscrições em madeira e pedra. A pesquisa de Adams não negligencia nem descarta os aspectos históricos nem tampouco utiliza textos em madeiras, pedras e papiros em detrimento do estudo literário. O enfoque literário é complementar aos estudos sociolinguísticos de Adams (Adams, 2004, p. xx; sobre a sociolinguística, cf. Mesthrie, 2001, p. 1-4).

Como este artigo visa estabelecer o estudo sociolinguístico da Literatura Hermética, estritamente, a análise dos aspectos bilíngues do *Asclepius Latinus* (*Ascl.*) faz-se necessário, então, esclarecer especificamente esse tema e resolver seu problema, a saber: 1) Se há uma incidência de helenismos no *Asclepius Latinus*, pode-se aventar que a língua fonte (grega) do Λόγος Τέλειος deve ter influenciado a língua objetivo da tradução latina? Ademais, em que medida deve-se considerar a influência do bilinguismo no tradutor do *Asclepius Latinus*? 2) Quais são as evidências, no *Asclepius Latinus*, que fazem pressupor que esse tratado hermético não seja apenas uma tradução, mas indicam um trabalho de adaptação por parte de um latinista?

O bilinguismo pode ser estudado sob vários aspectos ou enfoques aproximativos. Neste artigo, prima-se por analisar o fenômeno do helenismo na Literatura Hermética, *stricto sensu*, no *Ascl.* latino, sob o enfoque sociolinguístico, o que pode ajudar também no aspecto cronológico da linguagem do ponto de vista histórico. Por outro lado, o enfoque sociolinguístico é um aporte filológico e de interesse histórico no que concerne à história redacional. Assim como James Adams trata do bilinguismo na Antiguidade, aqui, procurou-se tratar do bilinguismo no *Ascl.* através de uma discussão sociolinguística, levando em consideração não apenas o conceito de empréstimo, mas também de *code-switching* (comutação de código), *character-switching* (mudança de caracteres), *alphabet-switching*, contato, interferência, mudança de língua e identidade. Tudo isso constitui o conjunto de conceitos e definições próprias desse ramo da linguística (Adams, 2004, p. xx, xxii; Mesthrie, 2001, p. 1-4).

Levando em consideração o conceito de empréstimo, de comutação de código, de mudança de caracteres, *alphabet-switching* e interferência, faz-se necessário, a priori, definir os termos de acordo com a ocorrência no *Asclepius Latinus* (Adams, 2004, p. xx-xxii).

Há várias questões complexas envolvidas e de pouca concordância entre os pesquisadores acerca do bilinguismo quando se trata de empréstimo, *code-switching* e interferência (Adams, 2004, p. 26). Convém aplicar as definições de James Adams acerca desses termos com foco no *Ascl.*: se o tradutor do *Ascl.* (texto em latim) introduziu um substantivo da língua grega e o qualifica com um adjetivo da língua latina, ele tomou parte em comutação do código ou empréstimo? Isso depende do grau de integração da palavra transferida à língua receptora. O latim estava cheio de empréstimos gregos completamente integrados (morfologica, fonetica e semanticamente) à língua, de maneira tal que se poderia usar esses termos, mesmo por falante latino monolíngue (Adams, 2004, p. 26).

Segundo Adams, para distinguir a comutação de código de empréstimo, os critérios morfológicos são reveladores na distinção (Adams, 2003, p. 19, 25-27, 46-71):

Sobre comutação de código (*code-switching*): Se uma palavra grega, como Hermes (Ερμῆς), tiver uma flexão grega, como *Hermū* (Ερμού), no texto latino do *Ascl.*, é justificável que se trata de uma comutação de código: o tradutor-adaptador mudou momentaneamente para um sistema linguístico diferente. O uso de palavras gregas não corresponde a um empréstimo, mas a uma ‘comutação de código’. Essas palavras não são integradas à língua latina. O *code-switching* envolve palavras estrangeiras ou frases de outro idioma como mudança de uma língua para outra no discurso ou trecho de um texto de uma determinada pessoa.

Sobre a comutação de alfabeto (*character (alphabet) switching*): Outro tipo de interferência pode se dar por meio de influência grafêmica, a qual anda de mãos dadas com *character (alphabet) switching* (comutação alfabética). A interferência ortográfica no cruzamento das línguas pode ser de dois tipos: 1) ortografias típicas de uma língua ou escrito (grego) são transferidas para outra língua (latim) ou vice-versa; 2) as letras gregas são introduzidas no escrito latino ou vice-versa. Este último é chamado *character (alphabet) switching* por Adams.

Sobre os empréstimos de palavras (*loanwords*): Se a palavra grega, como *philosophia*, no texto latino do *Ascl.*, tiver uma flexão latina, como *philosophiam*, a sua integração é maior, e pode ter sido bem largamente incidente em latim.

1. O ΛΟΓΟΣ ΤΕΛΕΙΟΣ E O *ASCLEPIUS LATINUS*

O *Asclepius* é uma tradução latina do Λόγος Τέλειος. De todo modo, não existe uma versão grega completa do Λόγος Τέλειος (Rochette, 2003, p. 68-70; Mahé, 1974, p. 136; Dodd, 2005, p. 11; Hermès Trismégiste, 2011, t. 2, p. 275-276). Há apenas fragmentos de algumas partes, a saber, *Ascl.* 8, 19, 26, 27, 28, 29, 39, 41. Outras partes podem ser encontradas em versão copta: *Ascl.* 21-29 (NHC VI.8) e 41 (NHC VI.7) (Nag Hammadi, 1978, v. 11, p. 378-387, 400-451). Ademais, o *Asclepius Latinus* não é apenas uma tradução. Há também adaptações e inserção que o configuram como um texto com línguas misturadas, sendo caracterizado pelo fenômeno do *code-switching*.

Lactância conhecia o texto do *Ascl.* em grego sob o título de Λόγος Τέλειος ou *Sermo Perfectus*. Em sua vasta obra de sete volumes, *Divinae Institutiones*, Lactância fez várias referências a escritos herméticos e a Hermes Trismegisto:¹

Asclepius quoque auditor eius [scl. Hermetis] eandem sententiam latius explicauit in illo sermone perfecto quem scripsit ad regem, uterque uero daemones esse adfirmat inimicos et uexatores hominum quos ideo Trismegistus ἀγγέλους πονηρούς appellat (Lact., *Div. Inst.* 2. 15.7).²

Também Asclépio, ouvinte dele [de Hermes], explicava a mesma sentença mais amplamente naquele *Discurso Perfeito* que escreveu ao rei; os dois verdadeiramente afirmam que os *daimones* são inimigos e carrascos dos homens que, por esta razão, Trismegisto [os] chama de ἀγγέλους πονηρούς (tradução própria).

O título *Sermo Perfectus* é uma tradução latina do Λόγος Τέλειος, como se pode constatar na seguinte passagem:

sed et illud non sine daemonum fraude subtractum, missuiri a patre tunc filium dei, qui deletis omnibus malis pios liberet. quod Hermes tamen non dissimulauit. in eo enim libro qui λόγος τέλειος inscribitur, post enumerationem malorum de quibus diximus subiecit haec... (Lact., *Div. Inst.* 7. 18. 3)³

mas também, nesse tempo, ter sido enviado o filho de Deus pelo Pai para que destruísse todos os males e para que liberasse os pios sem astúcia do demônio. Pois Hermes, todavia, não dissimulou. Pois no livro dele, que é intitulado λόγος τέλειος, depois da enumeração dos males sobre os quais falamos, expôs essas coisas... (tradução própria).

No entanto, a fraseologia πρὸς Ἀσκληπιόν τὸν ἱατρόν e ἐκ τῶν πρὸς Ἀσκληπιόν, as quais ocorrem em Estobeu e em Pseudoantímo, podem justificar a possibilidade de um outro título do *Ascl.* em latim além do *Sermo Perfectus* ou Λόγος Τέλειος a saber, Ἑρμοῦ Τρισμαγίστου βίβλος ἱερὰ πρὸς Ἀσκληπιὸν προσφωνηθεῖσα (Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 277). Confrontando Pseudo-Antímo com Lactância a respeito do *Ascl.* 8, *Testimonia* 20, pode-se constatar esse título:

φάσκει (λέγει cod. S) γὰρ οὕτως (οὕτω S.) (sc. Ἑρμῆς ὁ ἐπικληθεὶς Τρισμαγίστος) πρὸς Ἀσκληπιόν τὸν ἱατρόν. Ἄκουε τοιγαροῦν, Ἀσκληπιέ (A. om. cod. S), ὁ κύριος καὶ τῶν πάντων ποιητής, ὃν

¹ *Hermetica*, 1993, v. 1, p. 49, 92-95; Van Den Broek, 2006, p. 493; Yates, 1964, p. 7.

² Brandt, 1965, p. 166 (Lactantius. *Divinae Institutiones et Epitome Divinarum Institutionum*).

³ Heck & Wlosok, 2011, Fasc. 4, p. 706-707 (Lactantius, L. Caelius Firmianus. *Divinarum Institutionum*. Libri Septem).

καλεῖν θεόν νενομίκαμεν, ἔτι τὸν δεῦτερον ἐποίησε θεὸν ὁρατὸν καὶ αἰσθητὸν... εἴτα πάλιν ὁ Τρισμέγιστος φησιν. Ἐπεὶ οὖν τοῦτον ἐποίησε πρῶτον καὶ μόνον καὶ ἓνα, καλὸς δὲ (κάλλιος δὲ cod. A., κάλος τε cod. S, κάλλιστος δὲ Mercati) αὐτῷ ἐφάνη καὶ πληρέστατος πάντων τῶν ἀγαθῶν, ἡγάσθη, τε καὶ πάνυ ἐφίλησεν αὐτὸν ὡς ἴδιον τόκον (Pseudo-Anthimus, *Ad Theodorum* 10-11).⁴

Diz, pois, assim, [Hermes, o que é chamado Trismegisto] a Asclépio, o médico: ouve, assim pois, Asclépio, o senhor e também feitor de todas as coisas, que temos por costume chamar de deus, ainda fez o segundo, o deus visível e sensível... Então Trismegisto disse: então fez esse primeiro somente-um, e belo também lhe pareceu o mais pleno de todos os bens, admirou e o amou muito como [seu] próprio rebento.

E nessa passagem:

Hermes in eo libro qui λόγος τέλειος inscribitur, his usus est uerbis: ὁ κύριος καὶ τῶν πάντων ποιητής, ὃν θεὸν καλεῖν νενομίκαμεν, ἐπεὶ τὸν δεῦτερον ἐποίησε, θεὸν ὁρατὸν καὶ αἰσθητὸν, – αἰσθητὸν δὲ φημι οὐ διὰ τὸ αἰσθάνεσθαι αὐτόν, περὶ γὰρ τούτου πότερον αὐτὸς αἰσθεται ἢ μή, εἰσαυθὺς ῥηθήσεται, ἀλλὰ ὅτι εἰς αἰσθησιν ὑποπέμπει καὶ εἰς νοὺν ὄρασιν – ἐπεὶ οὖν τοῦτον ἐποίησε πρῶτον καὶ μόνον καὶ ἓνα, καλὸς δὲ αὐτῷ ἐφάνη καὶ πληρέστατος πάντων τῶν ἀγαθῶν, ἡγάσθη τε καὶ πάνυ ἐφίλησεν ὡς ἴδιον τόκον (Lact., *Div. Inst.* 4. 6. 4).⁵

Hermes em seu livro, que é intitulado λόγος τέλειος, serviu-se das palavras: o senhor e também feitor de todas as coisas, que temos por costume chamar de deus, por conseguinte, fez o segundo, o deus visível e sensível, – e sensível digo não por ser percebido pelos sentidos (pois, acerca disso, por qual dos dois ele é sentido ou não, daqui em diante se dirá), mas porque cai no sentido, na mente, na visão – então, assim, fez esse primeiro, único e um, e belo também lhe pareceu o mais pleno de todos os bens, admirou e o amou muito como [seu] próprio rebento.

O que se pode dizer sobre o tratado *Ascl.* é que os vários fragmentos e citações de passagens dele e a descoberta de trechos em copta vieram a confirmar que essa obra foi escrita em grego. Os traços de sua originalidade grega ficam em evidência quando se compara ao texto latino e ao texto copta. Inclusive foi percebido que o texto latino foi mais do que uma tradução, seu tradutor usou de liberdade para expandir e diminuir o texto arbitrariamente. Nota-se que a versão latina do Λόγος Τέλειος é uma paráfrase ao comparar com os fragmentos gregos e coptas. O texto apresenta várias *camuflagens* feitas pelo tradutor

⁴ Mercati, 1901, p. 97; Nock, 2011, t. 2, p. 305 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*).

⁵ Brandt, 1965, p. 286-287 (Lactantius); Nock, 2011, t. 2, p. 304-305 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*).

ou redator final. Em todo caso, estabelecendo um cotejamento entre os textos copta, grego e latino, é possível reconstruir o texto do Λόγος Τέλειος em maior ou menor grau (Van Den Broek, 2006, p. 493-494; Fowden, 1993, p. 10).

2. A TEORIA DO BILINGUISMO

Arthur Darby Nock explica o seguinte: “O *fato* mesmo da tradução é importante. Algum pagão do declínio, em Roma, na África ou até no Egito (porque o bilinguismo foi assaz extenso no fim da Antiguidade), julgou por bem traduzir o λόγος τέλειος, e o fez em uma língua próxima da língua de traduções cristãs...”⁶ Duas informações são importantes na afirmação de Nock: **a tradução e o bilinguismo**.

Embora não se deva estabelecer um ponto fixo de análise do fenômeno do bilinguismo⁷ greco-latino na Antiguidade, deve-se restringir o objeto de estudo, a saber, o *Ascl.* latino, ao período de dominação romana, estritamente, ao período imperial. O Império Romano, no Ocidente, em contato com as várias línguas vernáculas, fez com que o latim as sobrepujasse, causando a morte dessas línguas. Não obstante, no Oriente, os romanos tiveram de utilizar o grego como *lingua franca*, embora fossem indiferentes à existência das demais. Diferentemente do que aconteceu no Ocidente, as línguas vernáculas orientais se conservaram (Adams, 2004, p. xix). Especificamente, aqui, tratar-se-á do bilinguismo greco-latino no Oriente e no Norte da África, mais estritamente, daquele que representa a linguagem da Literatura Hermética e mais propriamente do *Asclepius Latinus*.

Adams afirma que as evidências relacionadas ao bilinguismo no mundo antigo são imensas e exploradas. O contato com a linguagem adentra os vários âmbitos da vida antiga: literatura, lei, religião, magia, medicina, administração provincial, exército (militar) e comércio. Enquanto os linguistas estudam o bilinguismo no mundo moderno invariavelmente com atenção à modalidade oral, os pesquisadores do mundo antigo lidam com o texto na modalidade escrita (Adams; Swain, 2002, p. 1-2).

Outrossim, segundo a definição de James Adams, textos bilíngues são aqueles escritos em duas línguas, com duas versões fisicamente discretas e com conteúdo comum a ambos (pelo menos em parte). Para Adams, o grau de sobreposição não tem de ser completo porque, amiúde, não o é. Em todo caso, deve haver uma diferenciação entre texto bilíngue e texto (duas línguas são justapostas em versões separadas – com repetições, conteúdo completo ou parcial das versões) e o texto com a mistura de duas línguas (duas línguas são misturadas conjuntamente em uma parte do discurso – Adams, 2004, p. 30).

⁶ *Le fait même de la traduction est important. Quelque païen de la décadence, à Rome, en Afrique ou même en Egypte (car le bilinguisme était assez répandu à la fin de l'antiquité), a jugé bon de traduire le λόγος τέλειος, et il l'a fait dans une langue proche de la langue des traductions chrétiennes...* Nock; Festugière, 2011, t. 2. p. 279 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*).

⁷ Sobre bilinguismo e multilinguismo, cf. Grosjean, 2001, p. 10-16; Blanc, 2001, p. 16-22; Llamas, 2006, p. 149-156.

Assim, pode-se dizer que documentos com mistura de línguas não possuem versões paralelas de diferentes línguas do mesmo material, mas incorporam mudanças de uma língua para outra no mesmo texto. Geralmente, essas mudanças são *code-switching*. Muitas vezes, a base da língua é fácil de detectar e identificar na qual uma mudança para uma segunda língua representa uma inserção momentânea da língua predominante do texto (Adams, 2004, p. 67-68). A tradução é um tipo de texto bilíngue ou um texto cujo *background* é bilíngue. No entanto, não se pode pressupor que seu escritor tenha *competência* ou o contato de duas línguas. Deve-se considerar, assim, que a interferência na tradução pode ser deliberada, adotando estratégia para evocar o texto original subjacente à tradução (Adams, 2004, p. 67-68; Adams; Swain, 2002, p. 3).

Para Arthur Darby Nock, é suficiente notar que os fragmentos gregos concordam muito com o texto latino, de maneira que uma das duas versões permite corrigir a outra. Contudo, segundo ele, os fragmentos gregos não seriam considerados uma representação do texto original, já que o autor do Papiro Mágico *Mimaut* XVIII. 591-611 adaptou a oração e as citações não são feitas por eruditos para eruditos. Não obstante, a versão latina parece uma tradução livre, enfatizando mais a solenidade do que a precisão na tradução. Entretanto, um texto como do Λόγος Τέλειος foi submetido, em parte, a modificações, redigido com um objetivo e intenção cultural diferentes e com características ocidentais. Assim, trata-se de uma versão cuja tradução mostra uma situação de falta de clareza no que diz respeito à correspondência dos termos latinos em relação aos termos gregos (Nock; Festuigère, 2011, t. 2, p. 279; Rochette, 2003, p. 69; Preisendanz, 1974, v. 2, p. 56-58; Nag Hammadi, 1978, v. 11, p. 378-387; Bertolini, 1985, p. 1151-1152.).

Bruno Rochette descreve, em seu artigo intitulado “Un cas peu connu de traduction du grec en latin: l’« Asclepius » du *Corpus Hermeticum*”, que o original grego do *Ascl.* é perdido e só se conhecem parcialmente citações dos Santos Padres da Igreja e, para a oração final, um fragmento no Papiro Mágico. Rochette, estabelecendo uma *collatio* entre esses fragmentos e a tradução latina, demonstra que *Ascl.* é mais do que uma tradução *ad verbum*. Ele dedica atenção às palavras e sentenças adicionadas e subtraídas. Ele destaca que o final foi revisado e reordenado com propósito de atender novo público, possivelmente um público africano do final do séc. IV E.C. e início do V E.C. Segundo Rochette, a tradução dá um novo caráter ao pensamento hermético. Outrossim, Rochette conclui que o hermetista latino que traduziu o Λόγος Τέλειος transformou o original em um tratado teosófico de edificação moral e religiosa, acentuando o fervor pelo mistério que Hermes é obrigado revelar. Assim, o *Ascl.* é um exemplo único de tradução-interpretação com objetivo de difundir um texto misterioso para os leitores versados em teosofia mais do que filosofia (Rochette, 2003, p. 96).

Bruno Rochette se baseia nas teorias de Sebastian Brock acerca das técnicas de tradução na Antiguidade. Na estratégia geral, na Antiguidade, o tradutor poderia produzir uma versão mais amplamente *sensus de sensu* ou mais ou menos *verbum e verbo* ou *ad verbum*. Brock ainda é o principal teórico no que diz respeito a essa dicotomia. Segundo Brock, há dois tipos que caracterizam a técnica de tradução: 1) o *sensus de sensu* – ideal greco-romano por meio do qual o tradutor focalizava a forma de tradução com impacto no leitor, *trazendo*

o *original para este*; 2) o *verbum e verbo* – ideal judaico-cristão, sendo somente preocupado com o conteúdo do texto original, *trazendo o leitor para o original* (Brock, 1979, p. 73, 78; Langslow, 2012, p. 143-145).

“*Asclepius* é uma tradução e introduz alguns aspectos gregos (*L’Asclepius est une traduction et présente certains tours grecs*)” (Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 279). O grego é de suma importância para o estudo da Literatura Hermética e, por isso, este artigo averigua a incidência dos helenismos em seus escritos e o contato do latim com outras línguas além do grego, como, por exemplo, o copta (Adams, 2004, p. 247-274, 762-764). A razão para isso se dá pelo simples fato de que o helenismo é fortemente representado na tradução latina do Λόγος Τέλειος, a saber, o *Ascl.*

Amiúde, embora se possa estudar e analisar o *code-switching* em textos escritos, os linguistas pouco descrevem sobre esse fenômeno na modalidade escrita. No entanto, as metodologias aplicadas aqui seguem o modelo investigativo aplicado pelos linguistas às comunidades do discurso (Adams, 2004, p. xxi. Adams, 2004, p. xxi). Para Adams, isso advém do fato de que a competência bilíngue pode somente ser analisada seriamente por meio dos exemplos de *performance* positiva de uma segunda língua. Por *performance*, ele defende, deve-se entender os exercícios preparados e arregimentados pelo usuário de uma língua, inclusive de um bilíngue, em quatro tipos, a saber: 1) audição; 2) leitura; 3) fala; e 4) escrita. O ato da fala e da escrita constitui uma *performance* ativa enquanto o ato da audição e leitura, uma *performance* passiva (Adams, 2004, p. 5).

3. ASPECTOS DO BILINGUISMO GRECO-ROMANO NO *ASCLEPIUS LATINUS*

Hammone etiam adytum ingresso sanctoque illo quattuor uirorum religione et diuina dei completa praesentia, competenti uenerabiliter silentio ex ore Hermu animis singulorum mentibusque pendantibus, diuinus Cupido sic est orsus dicere (*Ascl.* 1).⁸

Depois que Hammon entrou no ádito, que o sentimento devoto dos quatro homens e a divina presença de Deus encheu aquele santo [lugar], estando as almas e as mentes pensas à boca de Hermes em um silêncio veneravelmente competente, assim começou o divino Cupido a falar (tradução própria).

No texto supramencionado, encontra-se *Hermū*, o que seria o genitivo singular de *Hermes*. Em grego, Ἑρμῆς tem o genitivo singular Ἑρμοῦ. O nome de *Hermes* (no *Ascl.*) não foi vertido para o latim *Mercurius*. Ademais, declinou-se morfologicamente como o grego (Rochette, 2003, p. 79). O genitivo singular de *Hermes* deveria ser *Hermae*, de acordo com a declinação greco-latina.

⁸ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 296 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*).

N.	<i>Hermes</i>	Ἑρμῆς
G.	<i>Hermæ</i>	Ἑρμοῦ
D.	<i>Hermæ</i>	Ἑρμῇ
A.	<i>Hermam (-en)</i>	Ἑρμῆν
V.	<i>Herma (-e)</i>	Ἑρμῇ
Abl.	<i>Herma (-e)</i>	

No entanto, o genitivo *Hermū* pode ser encontrado, como em *Hermū aedoeon* (Ἑρμοῦ αἰδοῖον) e *Hermū poa* (Ἑρμοῦ πόα), ou seja, *Mercurialis annua* (Glare, 2015, p. 870; Liddell; Scott; Jones, 1996, p. 21, 36, 483, 817, 1738). A palavra foi transliterada do grego e submetida às alterações morfológicas da língua latina. No período imperial, o ditongo ou dígrafo grego ου, amiúde, representava o monotongo latino *u*, breve ou longo, em caracteres gregos no processo de transliteração. No entanto, o emprego do *upsilon* (*v*) pelo *u* latino também ocorre. Desde períodos anteriores, já havia se convencionado o uso do *omikron* (*o*) pelo *u* breve latino ou vice-versa (Adams, 2004, p. 24-25, 51, 57, 101, 582, 585, 604).

Se o tradutor do *Ascl.*, ao escrever o texto em latim, impôs um morfema, **uma estrutura sintática** do grego a um grupo de palavras da língua latina, então se pode dizer que a interferência sintática ocorreu. No entanto, poder-se-ia chamar também de comutação do código. O que se deve levar em consideração é o procedimento do tradutor do *Ascl.*, ou seja, se o tradutor procedeu de sua segunda língua para a primeira ou vice-versa. Se o tradutor fosse um falante primário da língua latina, ao impor uma estrutura grega para uma frase latina, ocorreu uma transferência. Isso pressupõe uma criação deliberada na primeira língua por meio de sua fluência na segunda língua, a saber, o grego (Adams, 2004, p. 27). Existem várias incidências de helenismo no texto latino do *Ascl.* que corroboram esse fenômeno (Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 278; Rochette, 2003, p. 79):

	Interferência sintática do grego no <i>Ascl.</i>
Genitivo depois do grau comparativo	<i>Deus deus te nobis, o Asclepi, ut diuino sermoni interesses adduxit, eique tali, qui merito omnium antea a nobis factorum nel nobis diuino numine inspiratorum uideatur esse religiosa pietate diuinior. (Ascl. 1)⁹ et sic compositum est per uoluntatem dei hominem constitutum esse meliorem et diis, qui sunt ex sola immortalis natura formati, et omnium mortalium. (Ascl. 22)¹⁰</i>
Genitivo absoluto	<i>mors enim efficitur dissolutione corporis labore defessi et numeri completi [annorum ad]... (Ascl. 27)¹¹</i>
Particípio presente com <i>videri</i>	<i>....si intellegens uideris, eris omnium bonorum tota mente plenissimus... (Ascl. 1)¹²</i>
Genitivo com <i>dominari</i>	<i>anne caelestes dii catholicorum dominantur... (Ascl. 39)¹³</i>
Palavras neutras no nominativo plural com verbos no singular	<i>Omnia haec ergo ipsa, ut dicis, quae est, o Trismegiste? (Ascl. 18)¹⁴ species uero deorum, quas conformat humanitas, ex utraque natura conformatae (conformata) sunt (est)... (Ascl. 23)¹⁵ reliquorum genera, quorum aeternitas est generis, quamuis per species occidat, nascendi fecunditate seruatur... (Ascl. 4)¹⁶</i>
Uso do artigo	<i>...ille dominus et pater... (Ascl. 26)¹⁷</i>

⁹ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 296 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*); *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 286: Deus, ó Asclépio, Deus te conduziu a nós para que estivesse entre uma conversação divina e de tal importância, a qual parece ser **mais divina** pela piedade religiosa **do que todos os que ocupam posição** diante de nós ou do **que todos os inspirados** pelo poder divino (tradução própria).

¹⁰ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 324 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*); *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 336: E, assim, foi composto pela vontade de Deus que o homem fosse **melhor do que os deuses**, os quais foram formados imortais somente da natureza, e **do que todos os mortais** (tradução própria).

¹¹ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 333 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*); *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 366: a morte é o resultado da dissolução do corpo usado, **uma vez que o número [de anos] tem se cumprido**... (tradução própria).

¹² Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 296 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*); *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 286: ...se é **evidente que compreendes**, serás o mais abundante de todas as coisas boas por meio de toda a mente... (tradução própria).

¹³ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 349 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*); *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 362: os deuses celestes não governam as coisas universais... (tradução própria).

¹⁴ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 317 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*); *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 316: **todas essas coisas**, pois, como dizes, de que tipo **são (é)**, ó Trismegistos? (tradução própria).

¹⁵ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 325 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*); *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 338: verdadeiramente **as imagens** dos deuses, que os homens formam (fazem), **foram formadas** de duas naturezas. (tradução própria).

¹⁶ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 300 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*); *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 292: **os gêneros** dos outros [seres], dos quais o gênero tem eternidade, se bem que **morre(m)** segundo as espécies, **preserva(m)-se** pela fecundidade reprodutora (tradução própria).

¹⁷ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 330 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*): ... **o** senhor e pai... (tradução própria).

Além das interferências sintáticas, o tradutor-redator emprega ainda palavras gregas (transliteradas ou não em caracteres latinos pelos copistas medievais e editores modernos).¹⁸ Das onze palavras gregas, a saber, ἄιδης, ἀριθμητική, εἰμαρμένη, ἰδεῖν, κόσμος, οὐσία, οὐσιάρχης, οὐσιώδης, Παντόμορφος, ὕλη, ὕλικός, duas estão nos fragmentos gregos: εἰμαρμένη, οὐσιάρχης. As outras existem praticamente em paráfrases e explicações do tradutor-adaptador (Rochette, 2003, p. 79). Como se verá mais adiante, essas palavras, na maioria, não são empréstimos, mas *code-switching* (comutação de código).

A fraseologia *mors enim efficitur dissolutione corporis labore defessi et numeri completi [annorum ad], quo [s] corporis membra in unam machinam ad usus vitalis aptantur ...* (*Ascl.* 27)¹⁹ tem sua versão grega: θάνατος γὰρ γίγνεται διάλυσις καμόντος σώματος καὶ τοῦ ἀριθμοῦ πληρωθέντος τῶν ἁρμῶν τοῦ σώματος²⁰ que pode ser traduzido de duas formas: **a) com o genitivo absoluto**: pois a morte vem a ser a dissolução do corpo que tem laborado, **uma vez que o número dos membros²¹ do corpo tem se completado**; ou **b) com o genitivo simples**: pois a morte vem a ser a dissolução do corpo que tem laborado e **do número completo dos membros do corpo** (*Stob.* 14. 52. 47). Exceto a paráfrase que o tradutor fez do texto, é perceptível que ele fez uso do grego. Quanto à função sintática do genitivo, ele deve ter compreendido como genitivo absoluto, cuja função é de oração subordinada adverbial (*Hermetica*, 1985, v. 1, p. 366). Em todo caso, a interferência do grego (alterado ou não) está presente.

A fraseologia *...ille dominus et pater, deus primipotens et unius gubernator dei...* (*Ascl.* 26)²² também apresenta sua versão grega, a saber, τότε ὁ κύριος καὶ πατήρ καὶ θεὸς καὶ τοῦ πρώτου καὶ ἐνὸς θεοῦ δημιουργός (*Lact., Div. Inst.* 7. 18. 3):²³ “então o senhor e pai e Deus e demiurgo do primeiro e único deus”. Com exceção da tradução de τοῦ πρώτου por *primipotens* e alocando esse adjetivo para o Deus criador, todas as outras palavras são intercambiáveis (Rochette, 2003, p. 78). O tradutor busca ser literal a ponto de usar o pronome demonstrativo como artigo (ὁ κύριος por *ille dominus*).

O grande problema, aqui, diz respeito à questão da *interferência*. Ora, se o tradutor do *Ascl.*, ao escrever o texto em latim, impôs **um morfema, uma estrutura sintática** ou ortografia do grego a uma palavra ou grupo de palavras da língua latina, então se pode dizer que a interferência morfológica, fonética, sintática ou ortográfica tenha ocorrido, embora, segundo Adams, até nestas condições os termos ‘comutação do código’ ou ‘empréstimo’

¹⁸ Cf. *Ascl.* 7, 8, 10, 14, 17, 19, 39, 40.

¹⁹ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 333 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*); *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 366: a morte é o resultado da dissolução do corpo usado e tem cumprido o número [de anos para] os quais os membros do corpo se juntam em uma máquina para uso vital... (tradução própria).

²⁰ *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 364-366.

²¹ ὁ ἁρμὸς τοῦ σώματος, ἡ ἁρμογή τοῦ σώματος, *corporis membra*. Rochette, 2003, p. 78.

²² Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 330 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*): ... então o senhor e pai, Deus sempitotente e governador do único deus... (tradução própria).

²³ Heck; Wlosok, 2011, Fasc. 4, p. 706 (*Lactantius*); Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 330 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*); *Hermetica*, 1985, v. 1, p. 344.

sejam às vezes mais apropriados. De acordo com Adams, isso depende se o tradutor procedeu de sua segunda língua para a primeira ou vice-versa. Se o tradutor, que é falante primário da língua latina, impôs um morfema do grego em uma palavra latina, a transferência pode ter ocorrido. Isso pode fazer pressupor uma deliberada criação na primeira língua através de sua fluência na segunda língua, a saber, o grego (Adams, 2004, p. 27).

Não obstante as adaptações na tradução do texto latino, houve uma interferência grega, principalmente do ponto de vista sintático, no *Asclepius Latinus*. Como os demais textos não apresentam paralelos, fica difícil dizer se os helenismos sintáticos são resultados do texto grego. Em todo caso, é plausível admitir que existam interferências por causa da versão grega do *Ascl*.

Outro tipo de interferência pode se dar por meio de influência grafêmica, que anda de mãos dadas com *character (alphabet) switching* (comutação alfabética). A interferência ortográfica no cruzamento das línguas pode ser de dois tipos: 1) ortografias típicas de uma língua ou escrito (grego) são transferidas para outra (latim) ou vice-versa; 2) as letras gregas são introduzidas no escrito latino ou vice-versa. Este último é chamado de *character (alphabet) switching* por Adams (Adams, 2004, p. 46, 71).

Inventariação das palavras gregas no <i>Asclepius Latinus</i>		
Palavra	<i>Ascl</i>	Descrição manuscritológica
Ἄϊδις	17	Editado. <i>Bruxcellensis</i> 10054-10056 tem a seguinte <i>lectio</i> : ΑΔΗC (Nock acredita ser o uso autoral pela forma). <i>Monacensis</i> 621 tem a seguinte <i>lectio</i> corrigida do <i>Vaticanus</i> 3385: ΑΔΗΣ (os outros manuscritos têm diferentes formas). ²⁴
Εἰμαρμένη	19	Editado. <i>Bruxcellensis</i> 10054-10056: ΗΜΑΡΜΕΝΗΝ; <i>Monacensis</i> 621: ΗΜΑΡΜΕΝΗ; <i>Vaticanus</i> 3385 tem a seguinte <i>lectio</i> : ΗΜΑΡΜΕΝΗΝ. <i>Florentinus</i> apresenta a leitura eMaRMeNeN. ²⁵
εἰμαρμένη	39, 40	Editado. Os códices apresentam <i>himarmene</i> ou similares. <i>Florentinus</i> apresenta a leitura heMARMeNe ou IMARMeNe. O <i>Parisinus</i> 6634 (séc. XII) e o <i>Laurentianus</i> LXXVI (séc. XII) têm a seguinte leitura: <i>himarmene</i> . ²⁶
ἰδεῖν	17	Editado. <i>Bruxcellensis</i> 10054-10056 tem a seguinte <i>lectio</i> : ΙΔΕΙΝ. <i>Monacensis</i> 621 tem a seguinte <i>lectio</i> : LANIN. <i>Vaticanus</i> 3385: IANIN (os outros manuscritos têm diferentes formas). ²⁷
κόσμος	10	Editado. Os códices apresentam ΚΩCΜΩC. O manuscrito <i>Florentinus</i> (séc. XII) apresenta a leitura KOSMOS. ²⁸
οὐσία	19	<i>Bruxcellensis</i> 10054-10056 e <i>Monacensis</i> 621 têm a seguinte <i>lectio</i> : οὐσία. ²⁹

²⁴ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 316; Thomas, 1921, v. 3, p. 52. 2 vezes.

²⁵ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 319; Thomas, 1921, v. 3, p. 54.

²⁶ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 349-351; Thomas, 1921, v. 3, p. 78-79.

²⁷ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 316; Thomas, 1921, v. 3, p. 52.

²⁸ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 308; Thomas, 1921, v. 3, p. 46.

²⁹ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 318; Thomas, 1921, v. 3, p. 54.

οὐσίαρχης	19	<i>Bruxellensis 10054-10056</i> e <i>Vaticanus 3385</i> têm a seguinte <i>lectio</i> : ΟΥCΙΑΡΧεf. <i>Bruxellensis 10054-10056</i> : ΟΥCΙΑΡΧHC, ΟΥCΙΑΡΧAC. ³⁰
οὐσιώδης	7, 8	ΟΥCΙΩΔHC recte B solus. ³¹
Παντόμορφον	19	Editado. <i>Bruxellensis 10054-10056</i> : ΠΑΝΤΟΜΟΡΦΟ; <i>Monacensis 621</i> : ΠΑΝΤΟΜΟΡΦΟ; <i>Vaticanus 3385</i> tem a seguinte <i>lectio</i> : nanioMOPΦO. <i>Florentinus</i> : PaNTOMORFO. ³²
ὕλη	14, 17	Editado. <i>Bruxellensis 10054-10056</i> (séc. XI) dá a leitura <i>hyle</i> . Os demais apresentam a leitura <i>yle</i> . ³³
ὕλικόν	7	ΥΑΙΚΟΝ recte B solus. ³⁴

As palavras *arithmetica* (*arithmetice*), *musica* (*musice*), *geometria* e *philosophia* foram emprestadas do grego para o latim e se consolidaram (Glare, 2015, p. 870; Liddell; Scott; Jones, 1996, p. 21, 36, 483, 817, 1738). ἀριθμητική é grafada em grego, *musice* é uma palavra grega (μουσική) grafada com caracteres latinos (*Ascl.* 13). Em seu *apparatus criticus*, Arthur Darby Nock indica que os manuscritos *Monacensis 621* e *Vaticanus 3385* (ambos do séc. XII) apresentam a leitura ΑΡΙΘΜΗΤΙΚΗ enquanto que o manuscrito *Bruxellensis 10054-10056* (séc. XI) apresenta ΑΡΙΟΜΗΤΙΚΗ. O manuscrito *Florentinus* (séc. XII) dá a leitura ARITMeTIKeN. O *Gudianus 168* (séc. XIII) confere a leitura *arimethicen*. Os demais manuscritos apresentam a leitura em latim *arithmeticen* (*latine cett.*).³⁵

O emprego de palavras gregas com caracteres gregos chama a atenção no *Ascl.* Deve-se considerar primeiramente a *character-switching* (mudança de caracteres) ou a *alphabet-switching* (comutação de alfabeto) no texto latino: 1) os editores modernos tentam restaurar os *ipsissima verba* de autores e, por meio dos aparatos críticos, esses editores objetivam restaurar as *ipsissimae litterae* dos autores; 2) muitos escribas ou copistas medievais, assim como os editores modernos, tentavam reconstruir as *ipsissimae litterae*, mesmo não conhecendo grego suficientemente, gerando palavras com caracteres híbridos do latim e do grego. As cópias manuscriturísticas do *Ascl.* remontam ao séc. XII (Nock, 2011, t. 2. p. 359-360) e devem ter sido submetidas às intervenções ou foram transcritas pelos copistas na reprodução de caracteres gregos em palavras gregas, resultando, assim, na restauração dos editores e acadêmicos hodiernamente. É possível que essas palavras gregas tenham sido escritas com caracteres latinos nos acréscimos no *Asclepius Latinus* (Peltari, 2011, p. 462-469).

Enquanto ἀριθμητική é grafada em grego, *musice* é uma palavra grega (μουσική) grafada com caracteres latinos (*Ascl.* 13), como foi supramencionado:

³⁰ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 319; Thomas, 1921, v. 3, p. 54.

³¹ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 304; Thomas, 1921, v. 3, p. 42.

³² Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 319; Thomas, 1921, v. 3, p. 54.

³³ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 313, 315; Thomas, 1921, v. 3, p. 51.

³⁴ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 304; Thomas, 1921, v. 3, p. 42.

³⁵ Nock, 2011, t. 2. p. 312; Thomas, 1921, v. 3. p. 48.

– O Asclepi, hoc modo: in uarias disciplinas nec comprehensibiles eam callida commentatione miscentes, ἀριθμητικὴν et **musicen** et **geometriam**. puram autem **philosophiam** eamque diuina tantum religione pendentem tantum intendere in reliquis oportebit, ut apocatastasis astrorum, stationes praefinitas cursumque commutationis numeris constare miretur; terrae uero dimensiones, qualitates, quantitates, maris profunda, ignis uim et horum omnium effectus naturamque cognoscens miretur, adoret atque conlaudat artem mentemque diuinam. musicen uero nosse nihil aliud est, nisi cunctarum omnium rerum ordinem scire quaeque sit diuina ratio sortita: ordo enim rerum singularum in unum omnium artifice ratione conlatus concentum quendam melo diuino dulcissimum uerissimumque conficiet.

Os copistas medievais pouco entendiam o grego e tampouco sabiam transcrevê-lo. Não familiarizados com as letras unciais gregas, muitos copistas desistiam de transcrever ou produziam uma atabalhoadas com as palavras (Pelttari, 2011, p. 468 *seq.*). Os editores modernos, por sua vez, procuraram restaurar não só a palavra grega, mas também os caracteres gregos para as palavras, que possivelmente foram submetidas a uma *character (alphabet) switching* no texto latino de *Ascl.* Levando em consideração que, se uma palavra grega tiver uma flexão grega, no texto latino do *Ascl.*, é justificável que se trata de uma comutação de código (Adams, 2004, p. 26). Embora *arithmetice* e *musice* tenham se mantido segundo a declinação grega, é bem verdade que elas já se consolidaram no latim. O que deve chamar a atenção é justamente o fato de o tradutor não seguir com todas as palavras na mesma declinação em latim: *arithmetica*, *musica*, *geometria*, *philosophia*. Segundo Julio Comba, “muitos desses nomes gregos podem ter declinação inteiramente latina” (Comba, 2004, p. 43). Em todo caso, se a palavra grega, como *philosophia* ou *geometria*, no texto latino do *Ascl.*, tiver uma flexão latina, como *philosophiam* e *geometriam*, já se torna evidente que tais palavras foram integradas ao latim.

Inventariação dos empréstimos gregos no <i>Asclepius Latinus</i>			
Em latim	Em grego	Referência ³⁶	Fq.
<i>adytum</i>	ἄδυτον	1, 4	2
<i>Aegyptii</i>	Αἰγύπτιοι	24, 37	3
<i>Aegyptus</i>	Αἴγυπτος	24, 25, 27	8
<i>aer</i>	αἴηρ	2, 3, 6, 10, 19, 20, 25, 28, 30, 33	12
<i>aether</i>	αἰθήρ	6	1
<i>aroma</i>	ἄρωμα	38	1
<i>Asclepius</i> ³⁷	Ἀσκληπιός	1, 2, 8, 9, 10, 13, 16, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41	42
<i>astrum</i>	ἄστρον	13, 25, 29	3
<i>barbaria</i> ³⁸		24	1
<i>catholica</i> ³⁹	καθολικά	39	1
<i>daemon</i>	δαίμων	4, 5, 6, 28, 33, 37	11
<i>exotica</i> ⁴⁰	ἐξωτικά	1	1
<i>geometria</i>	γεωμετρία	13	1
<i>Hammon</i>	Ἄμμων	1, 16, 32	6
<i>harmonia</i>	ἁρμονία	9, 38	2
<i>Hermes</i>	Ἑρμῆς	1, 37	2
<i>heros</i>	ἥρως	33	1
<i>hilaritas</i> ⁴¹	ἱλαρία, ἱλαρότης	21	1
<i>hymnus</i>	ὕμνος*	38	1
<i>idea</i>	ιδέα	17	1
<i>idolum</i>	εἰδωλον	37, 38	2
<i>Indus</i>	Ἰνδός	24	1
<i>lanx</i>	λέκος, λεκάνη	22	1
<i>lapis</i>	λέπας	24, 38	2
<i>Lybia</i>	Λιβύη	37	1
<i>Libycus</i>	Λιβυκός	27	1

³⁶ As palavras incidentes no *Asclepius* que correspondem a empréstimos foram inventariadas a partir de Delatte; Govaerts; Denooz, 1977, p. 269-348.

³⁷ *Aesculapius* Glare, 2012, v. 1, p. 79, 198.

³⁸ *barbarus* + ia (βάρβαρος). Glare, 2012, v. 1, p. 246, 247; Liddell; Scott; Jones, 1996, p. 306.

³⁹ *Catholicum* (καθολικός). Glare, 2012, v. 1, p. 313; Liddell; Scott; Jones, 1996, p. 855.

⁴⁰ *Exoticus* (ἐξωτικός). Glare, 2012, v. 1, p. 710; Liddell; Scott; Jones, 1996, p. 600.

⁴¹ *hilarus* + itas (ἱλαρός). Glare, 2012, v. 1, p. 874; Liddell; Scott; Jones, 1996, p. 827-828.

<i>machina</i>	μαχανά, μηχανή	16, 19, 25, 27	4
<i>Musa</i>	Μοῦσα	9	1
<i>musica</i>	μουσική	13	2
<i>mysterium</i>	μυστήριον	19, 21, 32, 37	6
<i>organum</i>	ὄργανον	16, 19	2
<i>Osiris</i>	Ὅσιρις	37	1
<i>philosophia</i>	φιλοσοφία	12, 13, 14,	6
<i>physica</i> ⁴²	φυσική	1	1
<i>Plutonium</i>	Πλουτώνιος	27	1
<i>Scythes</i>	Σκύθης	27	1
<i>sphaera</i>	σφαῖρα	17, 19	5
<i>stella</i>	ἀστήρ	27, 29, 30	3
<i>Trismegistus</i> ⁴³	Τριμέγιστος	1, 2, 7, 12, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 36, 38, 39, 41	22

A palavra *musicen* (μουσικὴν) (*Ascl.* 13) é emprestada do grego. Nota-se que *musicen* tenta seguir a declinação grega de μουσική e não a latina *musica* (Glare, 2015, p. 1263). Poder-se-ia pressupor que se trata de uma comutação de código. No entanto, *musica* e *musice* são formas intercambiáveis no latim assim como *grammatica* e *grammatice*, *retorica* e *retorice*, *arithmetica* e *arithmetice* (Comba, 2004, p. 43). Assim, *musice* se declina:

N.	<i>musice</i>	μουσική
G.	<i>musicēs</i>	μουσικῆς
D.	<i>musicæ</i>	μουσικῇ
A.	<i>musicen</i>	μουσικὴν
V.	<i>musice</i>	μουσική
Abl.	<i>musice</i>	

Essas palavras já foram consolidadas no latim depois de Cícero (Rochette, 2003, p. 79). Ademais, a palavra grega se submete ao processo de latinização mórfica (Adams, 2004, p. 25-29). Não seria admissível, por exemplo, defender que o tradutor latino do *Ascl.*, que usa *musica*, estivesse trocando de código. Esta palavra se integrou morfológicamente e apresenta fins latinos, e foneticamente, em que expõe na segunda sílaba um resultado de desenvolvimento fonético latino (enfraquecimento de vogal). Ademais, se o tradutor do texto latino do *Ascl.* empregou εἰμαρμένη [*heimarménē*] para se referir ao destino ou fado (usando

⁴² *Physicus* (φυσικός). Glare, 2012, v. 2, p. 1515; Liddell; Scott; Jones, 1996, p. 1964.

⁴³ Rochette, 2003, p. 79; Liddell; Scott; Jones, 1996, p. 1822.

escrita grega ou uma transliteração), poder-se-ia afirmar que se trata de um comutador de código: de modo algum tinha εἰσαρμένη sido incorporada à língua latina (Adams, 2004, p. 26).

Convém exemplificar outra descrição de empréstimo e *code-switching*, de acordo com James Adams, no texto latino do *Ascl.* 17, o qual reza o seguinte:

ex quo eius imum uel pars si locus est in sphaera, Graece Ἄϊδης dicitur, siquidem ἰδεῖν Graece uidere dicatur, quo uisu imum sphaerae careat. unde et ideae dicuntur species, quod sint uisibiles formae. ab eo itaque, quod uisu priuentur, Graece Ἄϊδης, ab eo, quod in imo sphaerae sint, Latine Inferi nuncupantur.⁴⁴

Daí que o fundo, quer seja uma parte ou um lugar na esfera, chama-se em grego *Hādēs* – já que *idein* quer dizer ver – porque o fundo da esfera não pode ser visto. De onde também as formas são chamadas ideias, porque são formas visíveis. Sendo assim, chama-se pelo nome de *Hādēs*, em grego, porque é privado de visão; em latim, de Infernos, porque está no fundo da esfera (tradução própria).

O texto supracitado apresenta alguns helenismos, dos quais Ἄϊδης (*Hādēs*) e ἰδεῖν (*idein*) são palavras empregadas para aclarar o sentido, dar a explicação por que os gregos chamam o fundo da esfera [o mundo] de *Hādēs*, justamente por não ser visto; *sphaera* e *idea* são palavras gregas incorporadas ao latim. O próprio texto explica que a palavra *idea* vem do verbo grego ἰδεῖν (*idein*), formas sensíveis aos olhos. Assim, a palavra *idea* é uma palavra grega, i.e., ἰδέα [*idea*]; *sphaera* é outra palavra grega, i.e., σφαῖρα [*sphaira*]. A palavra grega σφαῖρα foi trasladada para o latim *sphaera*, seguindo sua transcrição de acordo com a língua receptora. Em todo caso, de um lado, as palavras Ἄϊδης [*Hādēs*] e ἰδεῖν [*idein*] não se configuram como empréstimos gregos, mas como ‘comutação de código’; por outro lado, as palavras σφαῖρα e ἰδέα foram incorporadas e transcritas no latim como *sphaera* e *idea*.

É sabido que muitos termos do grego passaram para o latim e foram transliterados em caracteres latinos. Nesse caso, trata-se de empréstimos gregos para o latim e foram incorporados no léxico dessa língua depois de um longo tempo, possivelmente depois de Plauto, tais como *aer*, *aether*, *chorus*, *mysterium*, *philosophia*. Outros só vieram a aparecer entre os séculos III e IV E.C., tais como *apocatastasis*, *catholicus*, *clima*, *daemon*, *hymnus*, *Trismegistus*. No entanto, só depois de Cícero, foram incorporadas ao léxico latino as palavras *philosophia*, *retorica*, *dialectica*, *grammatica*, *musica* e *physica*. O redator-adaptador do *Ascl.* procedeu segundo o princípio de exatidão literal ao traduzir os termos técnicos do grego (Rochette, 2003, p. 79).

⁴⁴ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 316-317 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*).

Inventariação de comutação de código no <i>Ascl.</i>		
Palavra	Ascl.	Contexto
Ἄιδης, ἰδεῖν	17	<i>...ex quo eius imum uel pars si locus est in sphaera, Graece Ἄιδης dicitur, siquidem ἰδεῖν Graece uidere dicatur, quo visu imum sphaerae careat. unde et ideae dicuntur species, quod sint uisibiles formae. ab eo itaque, quod visu priuentur, Graece Ἄιδης, ab eo, quod in imo sphaerae sint, Latine Inferi nuncupantur.</i> ⁴⁵
κόσμος	10	<i>...efficit ut sit ipse et mundus uterque ornamento sibi, ut ex hac hominis diuina conpositione mundus, Graece rectius κόσμος, dictus esse uideatur.</i> ⁴⁶
οὐσιώδης, ὕλικόν	7	<i>Solum enim animal homo duplex est; et eius una pars simplex, quae, ut Graeci aiunt, οὐσιώδης, quam uocamus diuinae similitudinis formam; est autem quadruplex, quod ὕλικόν Graeci, nos mundanum dicimus....</i> ⁴⁷
ὅλη	14	<i>de spiritu uero et de his similibus hinc sumatur exordium, fuit deus et ὅλη, quem Graece credimus mundum ...</i> ⁴⁸

É muito comum, na sociedade atual, utilizar empréstimos de palavras (*loanwords*) e comutação de código (*code-switching*). No entanto, nem tudo pode ser definido como empréstimo de palavras. Um exemplo: ‘Eu falarei de contexto, o que os ingleses chamam de *environment*’. Nessa enunciação, não se pode pressupor que a palavra *environment* seja empréstimo para quem enuncia em língua portuguesa. Apenas há uma explicação de como os ingleses chamam a palavra *contexto*. Faz-se necessário averiguar primeiro se, de fato, trata-se de um empréstimo na língua portuguesa. No entanto, para a língua inglesa, essa palavra já foi incorporada como empréstimo francês. A comutação de código (*code-switching*) é praticamente uma nota explicativa e não incide no *corpus* da língua.

Segundo Rochette:

⁴⁵ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 316-317 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*). Daí que o fundo, quer seja uma parte ou um lugar na esfera, chama-se em grego *Hades* – já que *idein* quer dizer ver - porque o fundo da esfera não pode ser visto. De onde também as formas são chamadas ideias, porque são formas visíveis. Sendo assim, chama-se pelo nome de *Hades*, em grego, porque é privado de visão; em latim, de Infernos, porque está no fundo da esfera (tradução própria).

⁴⁶ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 308 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*). [...] ele fez para que seja ele mesmo também o mundo e que ambos [sejam] para si ornamento, para que dessa divina composição do homem, o mundo, mais conveniente ser dito em grego κόσμος, seja visto [(sic) conhecido] (tradução própria).

⁴⁷ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 304 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*). No entanto, somente o homem é um animal duplo: também uma parte dele é simples, que os gregos dizem οὐσιώδης, que chamamos de forma de similitude divina; mas é quádruplo, que os gregos [dizem] ὕλικόν, nós dizemos mundo [...] (tradução própria).

⁴⁸ Nock; Festugière, 2011, t. 2, p. 313 (Hermès Trismégiste. *Corpus Hermeticum*). Sobre o espírito verdadeiro e seus similares, aqui, seja posto um exórdio: havia Deus e a ὅλη, que, em grego, acreditamos [ser] o mundo [...] (tradução própria).

Aparentemente, o tradutor [do *Asclepius*] se nega, em certos casos, a criar neologismos, como fazia de bom grado Cícero, que ouve *augere linguam Latinam*, ou Sêneca, que segue com prudência seu antecessor. Confrontados com um termo técnico da filosofia grega, esses dois autores procuraram forjar um equivalente em latim fazendo-o seguir às vezes de uma relativa do tipo *quod Graeci uocant...* com a palavra grega, para evitar qualquer equívoco. O tradutor recorre às vezes a este procedimento (tradução própria).⁴⁹

Ascl. não recebe puramente a palavra grega. Pelo contrário, há uma recepção da palavra grega no contexto de um texto latino, submetendo-se aos padrões latinizantes. Percebe-se que há alternâncias por inserções em palavras de origem diferente, com interferência, na palavra, por *code-switching* ou por empréstimo morfológico (Adams, 2004, p. 24-25).

Paolo Scarpi explica que, referente ao *Ascl.* 17, em função da informação incidente acerca de dados etimológicos latinos, não se deve excluir que o texto tenha sido adaptado. Ou seja, o tradutor não iria explicar a etimologia latina a partir da língua fonte do Λόγος Τέλειος. Isso pode elucidar e auxiliar na análise sobre os trabalhos redacionais e adaptações que foram introduzidos no *Ascl.* e que não necessariamente compreendem uma tradução (Scarpi, 2011, v.2, p. 503).

CONCLUSÃO

Partindo do método de abordagem, pôde-se confirmar que, se a língua fonte do Λόγος Τέλειος é o grego, e a língua objetivo do *Asclepius Latinus* (tradução do Λόγος Τέλειος) é o latim, então, a causa dos helenismos da recensão latina está justamente na língua fonte. Comprovou-se que há indícios de que as estruturas sintáticas e as palavras de uma língua fonte do texto original podem ter influenciado na língua objetivo da tradução. Confirmou-se que muitos termos dessa língua passaram para o latim e foram transliteradas em caracteres latinos como palavras já consolidadas. No entanto, a hipótese de que, no *Ascl.*, algumas palavras são escritas com caracteres gregos foi refutada. Na verdade, essa hipótese não se confirmou, uma vez que existe a possibilidade de o tradutor ter vertido as palavras gregas para o alfabeto latino e essas terem sido restauradas por copistas medievais e por editores modernos. No entanto, a hipótese de que o texto-objetivo foi influenciado pelo texto-fonte, conservando palavras naquela língua no texto da tradução latina, confirma-se. Pôde-se afirmar, ademais, que o helenismo, no *Ascl.*, também se dá do ponto de vista sintático, como, por exemplo, o uso do genitivo absoluto, o genitivo depois do comparativo, o particípio presente com

⁴⁹ *Apparemment, le traducteur se refuse, dans certains cas, à créer des néologismes, comme le faisaient volontiers Cicéron, qui entend augere linguam Latinam, ou Sénèque, qui suit avec prudence son devancier. Confrontés à un terme technique de la philosophie grecque, ces deux auteurs ont cherché à forger un équivalent en latin en le faisant parfois suivre d'une relative du type quod Graeci uocant... avec le mot grec, pour éviter tout malentendu. Le traducteur recourt parfois à ce procédé* (Rochette, 2003, p. 78).

videri, o genitivo com *dominari*. Isso pode ser decorrente do processo de tradução como do bilinguismo cotidiano da época.

Assim, há passagens, nesse tratado, que não correspondem à tradução nem ao empréstimo. Contudo, o tradutor-redator emprega palavras gregas em caracteres latinos (Cf. *Ascl.* 7, 10, 14, 17) como explicação. O presente artigo constatou que as adaptações não são apenas resultados de adição ou subtração de palavras e sentenças. Outrossim, a presença de palavras gregas como uma espécie de *code-switching*, seguidas de explicações, exemplificações, reiteraões, reformulações e marcas de paráfrase, demonstra justamente que as adaptações (adições) não ocorrem com palavras e sentenças, mas também com fragmentos de texto. Em última análise, esse redator-adaptador cria um texto capaz de articular vários elementos com a pertença latina.

REFERÊNCIAS

ADAMS, J. N. *Bilingualism and the Latin Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ADAMS, J. N.; JANSE, Mark; SWAIN, Simon (Ed.). *Bilingualism in Ancient Society*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Latina*: curso único e completo. 30 ed. atual. com suplementos e respostas. São Paulo: Saraiva, 2011.

APULEI PLATONICI MADAURENSIS De Philosophia Libri. Recensuit, edidit Paulus Thomas. Leipzig B. G. Teubner, 1921. v.3.

BERTOLINI, Marco. Sul Lessico Filosofico dell' "Asclepius". *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa*. Classe di Lettere e Filosofia, serie 3, v. 15, n. 4, p. 1151-1209, 1985.

BETZ, H. D. (Hans Dieter) et al. (Ed.). *The Greek Magical Papyri in Translation. Including the Demotic Texts*. Chicago; London: University of Chicago Press, 1986.

BLANC, M. H. A. Bilingualism, Societal. In: MESTHRIE, Rajend (Ed.). *Concise encyclopedia of sociolinguistics*. Consulting editor, R.E. Asher. Oxford: Elsevier, 2001. p. 16-22.

BROCK, Sebastian. Aspects of Translation Technique in Antiquity. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v. 20, n. 1, p. 69-87, 1979.

CARDOSO, Zelia de Almeida. *A Literatura Latina*. 3. ed. rev. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CLEMENS ALEXANDRINUS. *Stromata*. Lesvos University of Aegean, c2006.

COMBA, Júlio. *Gramática Latina*. 5. ed. rev. atual. São Paulo: Salesiana, 2004.

COPENHAVER, Brian P. Introduction. In: *HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction* – Brian P. Copenhaver. New York: Cambridge University Press, 2000. p. xiii-lxi.

COPENHAVER, Brian P. Notes. In: *HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction* - Brian P. Copenhaver. New York: Cambridge University Press, 2000. p. 93-260.

CORPUS HERMETICUM. Edizione e commento di A.D. Nock e A.-J. Festugière. Edizione dei testi ermetici copti e commento di Ilaria Ramelli. Testo greco, latino e copto a fronte. Milano: Bompiani. Il pensiero occidentale. 2005.

DELATTE, L.; GOVAERTS, S.; DENOOZ, J. *Index du Corpus Hermeticum*. Roma: Edizioni dell'Ateneo e Bizzari, 1977.

DERCHAIN, Philippe. L'authenticité de l'inspiration égyptienne dans le «*Corpus Hermeticum*». *Revue de l'Histoire des Religions*, Paris, t. 161 n. 2, p. 175-198, 1962.

DODD, C.H. (Charles Harold). *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Reprinted Paperback Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DURAND, Gilbert. *Ciência do Homem e Tradição: O Novo Espírito Antropológico*. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 2008.

EBELING, Florian. *The Secret History of Hermes Trismegistus: Hermeticism from Ancient to Modern Times*. Forworded by Jan Assmann. Translated from the German by David Lorton. Ithaca and London: Cornell University Press, 2011 (first edition 2007).

ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas: De Maomé à Idade das Reformas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. v. 3.

ELIADE, Mircea. *Origens: história e sentido na religião*. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FOWDEN, Garth. *The Egyptian Hermes: A Historical Approach to Late Pagan Mind*. Princeton: Princeton University Press, 1993.

FREIRE, Antônio, S.J. *Gramática Grega*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GLARE P.G.W. (Ed.). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: At the Clarendon Press, 2015. 2v.

GROSJEAN, F. Bilingualism, Individual. In: MESTHRIE, Rajend (Ed.). *Concise encyclopedia of sociolinguistics*. Consulting editor, R.E. Asher. Oxford: Elsevier, 2001. p. 10-16.

HEISER, James D. *Prisci Theologi and Hermetic Reformation in the Fifteenth Century*. Malone (Texas): Repristination Press, 2011.

HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A.D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011. 2t.

HERMES TRISMEGISTOS. *Corpus Hermeticum*. Discurso da Iniciação. A Tábua de Esmeralda. Texto estabelecido e traduzido por: Márcio Pagliesi e Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hemus, 2005.

HERMETICA: the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus. Introductions, texts and translation edited and translation by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 1.

HUNINK, Vincent. Apuleius and the “Asclepius”. *Vigiliae Christianae*, Leiden, v. 50, p. 288-308, 1996.

IOANNES LYDUS. *De mensibus*. Lesvos: University of Aegean, c2006.

JOHNSON, Luke Timothy. *Among the Gentiles*: Greco-Roman Religion and Christianity. New Haven; London: Yale University Press, 2009.

LACTANTIUS. *Divine Institutes*. Translated with an introduction and notes by Anthony Bowen and Peter Garnsey. Liverpool: Liverpool University Press, 2003.

LACTANTIVS, L. Caelivs Firmianvs. *Divinarvm Institutionvm*. Libri Septem. Edidervnt Eberhard Heck et Antonie Wlosok. Berlin; Boston: De Gruyter, 2011. Fasc. 4.

LACTANTIVS. *Divinae Institutiones et Epitome Divinarum Institutionum*. Recensuit Samuel Brandt. New York; London: Johnson Reprint, 1965.

LAYTON, Bentley. *A Coptic Grammar*. With Chrestomathy and Glossary – Sahidic Dialect. 3. ed. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2011.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English lexikon*. Revised and Augmented by Henry Stuart Jones with the Assistance of Roderick McKenzie with the Cooperation of many scholars. With Revised Supplement. Oxford: Clarendon Press, 1996.

LIRA, David Pessoa de. *O Batismo do Coração no Vaso do Conhecimento*: Uma Introdução ao Hermetismo e ao *Corpus Hermeticum*. Recife: Editora UFPE, 2015.

LLAMAS, Carmen; GAL, Susan. Multilingualism. In: MULLANY, Louise; STOCKWELL, Peter (Ed.). *The Routledge companion to sociolinguistics*. London; New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2006. p.149-156.

MAHÉ Jean-Pierre. Remarques d’un latiniste sur l’Asclepius copte de Nag Hammadi. *Revue des Sciences Religieuses*, tome 48, fascicule 2, p. 136-155, 1974.

MAHÉ, Jean-Pierre. *Hermès en haute-Egypte*: Le Fragment du Discours parfait et les Définitions Hermetiques Arméniennes. Québec: Presses de l’Université Laval, 1982. t. 2.

MAHÉ, Jean-Pierre. Hermes Trismegistos. In: JONES, Lindsay (Ed.). *Encyclopedia of Religion*. 2. ed. Detroit: Thompson/ Gale, 2005. v. 6. p. 3938-3944.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MERCATI, Giovanni. *Note di Letteratura Biblica e Cristiana Antica*. Studi e Testi. Roma: Typographica Vaticana, 1901.

MESTHRIE, Rajend (Ed.). *Concise encyclopedia of sociolinguistics*. Consulting editor, R.E. Asher. Oxford: Elsevier, 2001.

MULLANY, Louise; STOCKWELL, Peter (Ed.). *The Routledge companion to sociolinguistics*. London; New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2006.

MULLEN, Alex; JAMES, Patrick (Org.). *Multilingualism in the Graeco-Roman Worlds*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

NAG HAMMADI codices V, 2-5 and VI. Volume Editor Douglas M. Parrot. Leiden: E.J. Brill, 1978. v. 11.

NOCK, Arthur Darby; FESTUGIÈRE, André-Jean. Préface et Introduction. In: HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A.D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011. t. 2, p. 259-295.

PELTARI, Aaron. Approaches to the Writing of Greek in Late Antique Latin Texts. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, Durham (NC), v. 51, n. 3, p. 461-482, 2011.

PERFEITO, Abílio Alves. *Gramática de Grego*. 7 ed. Porto: Porto Editora, 1997.

PREISENDANZ, K. et al. (Ed.). *Papyri Graecae Magicae. Die Griechischen Zauberpapyri*. Stuttgart: Teubner, 1974 (1928-1931). 2 v.

RAGON, E. *Gramática grega*. Inteiramente reformulada por A. Dain, J.-A. de Foucault, P. Poulain. Tradução de Cecília Bartalotti. São Paulo: Odisseus, 2012.

RAMELLI, Ilaria. L'Ermetismo Filosofico Conservato in Copto: Saggio Introduttivo. In: CORPUS HERMETICUM. Edizione e commento di A.D. Nock e A.-J. Festugière. Edizione dei testi ermetici copti e commento di Ilaria Ramelli. Testo greco, latino e copto a fronte. Milano: Bompiani. Il pensiero occidentale. 2005. p. 1267-1407.

ROCHETTE, Bruno. Un cas peu connu de traduction du grec en latin : l'« Asclepius » du Corpus Hermeticum. *Cahiers du Centre Gustave Glotz*, 14, p. 67-96, 2003.

SCARPI, Paolo. *La Rivelazione Segreta di Ermete Trismegisto*. A cura di Paolo Scarpi. Milano: Fondazione Lorenzo Valla, 2009-2011. 2v.

SCOTTI, Mariateresa Horsfall. The “Asclepius”: Thoughts on a Re-Opened Debate. *Vigiliae Christianae*, v. 54, n. 4, p. 396-416, 2000.

THOMAS, Paulus. Apparatus Criticus. In: APULEI PLATONICI MADAURENSIS De Philosophia Libri. Recensuit, edidit Paulus Thomas. Leipzig: B. G. Teubner, 1921. v. 3. p. 36-81.

VAN DEN BROEK, Roelof. Hermetic Literature I: Antiquity. In: HANEGRAAFF, Wouter J. (Ed.). *Dictionary Of Gnosis And Western Esotericism*. Leiden; Boston: Brill, 2006. p. 487-498.

WALKER, Wiliston. *História da Igreja Cristã*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2006.

WHARTON, E. R. Loan-Words in Latin. *Transactions of the Philological Society*. v. 25, 1, p. 172-197, 25 March 2008.

WILLOUGHBY, Harold R. *Pagan regeneration: A Study of Mystery Initiations in the Greco-Roman World*. Chicago: The University of Chicago Press, 1929.

YATES, Frances A. *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*. London: Routledge and Kegan Paul, 1964.